

O OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA COMO DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO: CARTOGRAFIAS DO VIVIDO NA ESCOLA PÚBLICA

Monique Sanches Sodré⁷

Secretaria Municipal de Educação de Salvador - BA
moniquesodre@educacaosalvador.net

Kátia Soane Santos Araújo⁸

Secretaria Municipal de Educação de Salvador - BA
katiasoane@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa a importância do Observatório de Educação Científica, que se caracteriza como um dispositivo/diapositivo de produção do espaço e de promoção da emancipação juvenil. A investigação fundamenta-se na articulação dialética entre a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, a pedagogia problematizadora de Paulo Freire e as discussões sobre tecnologias e práticas decoloniais na contemporaneidade. O objetivo consiste em investigar como as trajetórias de pesquisa de estudantes/pesquisadores do Ensino Fundamental, mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, no âmbito do projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio", contribuem para a resignificação do território vivido e para o fortalecimento do protagonismo estudantil. Metodologicamente, o trabalho ampara-se em uma abordagem documental e em um estudo bibliográfico, centrando-se na análise das investigações de duas estudantes da Escola Municipal Governador Roberto Santos, pesquisadoras do Projeto "A rádio da escola na escola da rádio". Suas pesquisas abordaram, respectivamente, o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá como símbolo de resistência na Engomadeira e as manifestações de resiliência cultural nas artes de rua da região do Cabula. Os resultados revelam que o projeto atua como um campo de imersão, que permite a transição da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, conferindo status de ciência pública às narrativas periféricas e rompendo com silenciamentos históricos, fatores que justificam a importância do Observatório. Conclui-se que a educação científica, ao ser plenamente retomada no cenário de pós-pandemia em 2024, reafirma-se como uma práxis transformadora capaz de converter o espaço percebido em um espaço vivido consciente, crítico e autoral, consolidando a escola pública como polo produtor de saberes geográficos e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Científica; Produção do Espaço; Projeto da Rádio; Observatório de Educação Científica, Protagonismo Estudantil.

Introdução

A fundamentação da educação científica no Ensino Fundamental, especificamente no contexto da escola pública brasileira, exige um rompimento peremptório com modelos pedagógicos centrados na mera repetição de conteúdos e na passividade discente. No cenário contemporâneo, marcado por profundas desigualdades socioespaciais e

⁷ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional "Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação" – GESTEC; Professora/gestora da Secretaria Municipal de Educação Salvador/BA. ORCID: 0009-0001-0809-6970

⁸ Pós-doutorado em Educação; Professora do Programa de Mestrado Profissional "Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação" – GESTEC; Professora da Secretaria Municipal de Educação Salvador/BA; Coordenadora Pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia – EAD/UFBA. ORCID: 0000-0002-9064-1797

pelo advento de tecnologias que reorganizam as relações humanas, a escola precisa se afirmar como um centro de produção de conhecimento crítico e decolonial. Este artigo propõe uma reflexão sobre a experiência do Observatório de Educação Científica, vinculado ao projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio", na Escola Municipal Governador Roberto Santos, situada em Salvador, Bahia.

A problemática que orienta esta discussão reside na necessidade de compreender como os sujeitos da educação básica podem se tornar autores de suas próprias narrativas científicas, em um território frequentemente invisibilizado pelas lógicas institucionais. Historicamente, a periferia é narrada pelo "outro" — pelo planejamento urbano tecnocrático ou pelo discurso midiático estigmatizante. Contrapondo-se a essa realidade, o Observatório surge não apenas como um arquivo de dados, mas como um "dispositivo/diapositivo" de produção do espaço. Como dispositivo, organiza saberes e regimes de visibilidade; como diapositivo, atua como potência de invenção e linha de fuga, permitindo que a ciência produzida pelos estudantes questione as estruturas coloniais e as mazelas urbanas.

O referencial teórico que sustenta esta análise é multidisciplinar e dialético. Recorremos à tríade lefebvriana (espaço percebido, concebido e vivido) para interpretar como os estudantes percebem e transformam o seu entorno. Articulamos essa base geográfica com a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, que nos oferece o suporte para criticar a "educação bancária" e propor uma "leitura de mundo" que preceda a leitura da palavra científica. Além disso, incorporamos as discussões de Hetkowski e Santos (2021) sobre tecnologias decoloniais e a tese de Araújo (2019) sobre os novos dispositivos da educação científica, que qualificam o Projeto da rádio como suporte tecnológico para a emancipação.

Um marco temporal relevante nesta trajetória é o impacto da pandemia da Covid-19, que impôs um hiato forçado nas atividades presenciais da rádio. A retomada plena em 2024 marca um momento de resiliência e amadurecimento das práticas investigativas. É neste contexto de pós-isolamento que as pesquisas de duas jovens pesquisadoras, estudantes da Escola Municipal Governador Roberto Santos, sobre o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e a resiliência das artes de rua no Cabula ganham centralidade. Suas trajetórias não são apenas relatos escolares; são exercícios de práxis humana que ressoam sentimentos, identidades e cotidianos, transformando-os em objeto de ciência pública.

Dessa maneira, este artigo se organiza em três momentos: inicialmente,

discutimos as bases teóricas do Observatório e sua função enquanto ferramenta de registro e emancipação. No segundo momento, aplicamos a teoria da produção do espaço para analisar como as estudantes transformam a realidade socioespacial de Salvador por meio de suas pesquisas. Por fim, as considerações finais sintetizam a importância da educação científica como dispositivo de mobilização política e social, capaz de forjar sujeitos cidadãos críticos e conscientes de seu papel na contemporaneidade.

Educação Científica e Tecnologias: O Observatório de Pesquisa como Dispositivo/Diapositivo de Registro, Acompanhamento e Emancipação Estudantil

A práxis da educação científica no Ensino Fundamental, no contexto da escola pública, emerge como uma proposta de rompimento com o formato de ensino caracterizado pela reprodução mecânica de fórmulas ou fatos isolados, denominado por Freire (1987) como “educação bancária”, na qual o processo educativo se torna um ato de depositar informações em alunos mantidos passivos, para a construção de um pensamento investigativo e dialógico com a realidade social dos estudantes.

É nesse contexto que o projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio" vem se configurando como um ambiente de produção de conhecimento científico, cuja base é o lugar de vivência dos estudantes. A propositiva tem como fundamento as seguintes categorias conceituais: Lugar e Dinâmicas Socioespaciais; Geotecnologias e Processos Tecnológicos; História, Memória e Identidade; Arte, Cultura e Sociedade e Educação Científica. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são utilizadas como instrumento para o fomento do protagonismo e da emancipação dos jovens pesquisadores. Sobre a natureza e o propósito desta iniciativa, Araújo (2015) define que:

O projeto 'A Rádio da Escola na Escola da Rádio' configura-se como uma proposta de educação científica que utiliza as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo fomentar o protagonismo estudantil e a alfabetização científica através da investigação de temas transversais e da valorização do território vivido.

Trata-se, portanto, de uma propositiva que não se limita ao ensino técnico de mídias, já que foge ao modelo tradicional de ensino, no qual existe uma verdade absoluta a ser memorizada, sem espaço para o questionamento e a criticidade. Ela

propõe a educação científica como elemento de mobilização e tomada de consciência ou, por melhor dizer, um exercício de leitura de mundo. Para Freire (1987):

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica que o educando se assuma como sujeito do seu processo de conhecer, em diálogo com o educador, também sujeito desse processo. A consciência crítica, que resulta desse exercício, permite ao homem transformar a realidade que o cerca.

Assim, ao propor que o jovem pesquisador investigue seu próprio território, o projeto da rádio assume um caráter emancipador. Ao "ler o mundo" através da pesquisa, ele deixa de ser um mero acumulador de conteúdos para se tornar um produtor de saberes, que faz uso da tecnologia como instrumento para a transformação de sua condição socioespacial.

Após a compreensão da rádio enquanto mediadora tecnológica e pedagógica, faz-se necessário apresentar o Observatório de Educação Científica e Ações do Projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio". No âmbito desta pesquisa, o Observatório não é figurado como um simples repositório passivo de dados, mas como um dispositivo ativo na produção do espaço. Sua função primordial é sistematizar, analisar e conferir visibilidade às experiências de educação científica produzidas por estudantes da educação básica, servindo como uma lente que amplia o alcance dos saberes produzidos no território.

Como dispositivo/diapositivo de produção do espaço, o Observatório opera na interface entre a escola e a comunidade, capturando o movimento de transformação do "espaço percebido" em "espaço vivido" (Lefebvre, 2000). Nesta perspectiva, fundamentada na teoria de Araújo (2019), o Observatório atua, primeiramente, como dispositivo, ao organizar um conjunto heterogêneo de saber-poder que estabelece regimes de enunciação e visibilidade para a ciência na escola pública, estruturando o acompanhamento e o registro das práticas pedagógicas. Todavia, ele se revela essencialmente como diapositivo quando as ações do projeto da rádio extrapolam a rigidez institucional para se tornarem "potência de invenção e de criação" (Araújo, 2019). Como diapositivo, o Observatório mobiliza linhas de fuga que permitem aos jovens pesquisadores ressignificar o território, transformando o cotidiano em experiência estética e científica.

Ao documentar o processo investigativo de estudantes sobre temas como O Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá como representação de resistência no bairro do São Gonçalo ou a resiliência cultural nas artes de rua da região do Cabula, o Observatório

permite que essas narrativas deixem a esfera do cotidiano isolado para se tornarem ciência pública, revelando que a educação científica na rede básica é, em si, um movimento de produção de novos sujeitos e novos espaços.

Dessa forma, o Observatório é concebido como um campo fértil de imersão, no qual a vivência direta e a participação ativa em reuniões e rodas de conversa qualificam a análise das intersecções entre o contexto socioespacial e a produção científica dos jovens pesquisadores. Ele é, em última análise, o instrumento que materializa a educação científica como práxis, transformando a escola em um centro de reflexão e intervenção sobre a cidade, afinal “ao falar do bairro e conseqüentemente dos laços que o tornam um lugar de vivência, esses alunos estão contando as histórias de vários outros sujeitos em consonância com as suas histórias.” (Nascimento, p. 79)

1.1 Da Curiosidade Ingênua à Epistemológica: A Dialogicidade Freireana na Rádio

O fazer científico, na educação básica, encontra na pedagogia de Paulo Freire o suporte para a construção da criticidade. Para Freire (1967), a educação como prática da liberdade pressupõe um processo de (re)criação e (re)formulação do conhecimento, no qual o sujeito é protagonista. No âmbito do projeto da rádio, esse processo se manifesta na transição da "curiosidade ingênua" — o saber de experiência feito, o senso comum sobre o bairro e suas relações — para a "curiosidade epistemológica", que é o rigor metódico da investigação científica.

Ao debaterem pautas como as relações étnico-raciais, desigualdades sociais e questões de gênero, os jovens pesquisadores do projeto demonstram um posicionamento crítico e argumentativo que transcende a percepção imediata. Essa transição ocorre quando o estudante, ao pesquisar temas complexos como o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, situado no bairro do São Gonçalo, ou as manifestações artísticas de rua do Cabula – pesquisas realizadas nos anos de 2024/2025, na retomada do Projeto da rádio, por duas jovens pesquisadoras, estudantes, à época, do 9º ano. Aqui, elas serão nomeadas como Pesquisadora A e Pesquisadora C – passa a problematizar sua realidade, transformando-se em sujeito crítico de sua própria trajetória. O diálogo e a problematização defendidos por Freire (1967) são os pilares que sustentam a pesquisa científica no "chão da escola", permitindo que o jovem não

apenas descreva o mundo, mas apreenda as razões de ser dos fenômenos sociais e espaciais que o cercam.

1.2 A Taxonomia de Bloom e os Níveis de Complexidade da Pesquisa Estudantil

A sistematização do fazer científico, no projeto da rádio, exige uma compreensão clara dos processos cognitivos mobilizados pelos estudantes durante a investigação. Para analisar essa progressão, recorreremos à Taxonomia de Objetos Educacionais, especificamente no domínio cognitivo, que organiza os processos de aprendizagem em níveis de complexidade crescente. Conforme define Bloom (1972):

"A taxonomia é uma classificação hierárquica que descreve os níveis de pensamento que os alunos devem atingir para adquirir conhecimento. Ela parte de processos mais simples, como a memorização de fatos, e avança para competências mais complexas e abstratas, como a análise, a síntese e a avaliação, permitindo que o educador acompanhe o desenvolvimento intelectual do sujeito em relação ao conteúdo estudado."

No contexto das jovens pesquisadoras do projeto da Rádio, o processo de investigação sobre o território não é linear, mas percorre integralmente esses estágios hierárquicos, transformando a informação em conhecimento crítico:

- **Lembrar e Entender:** Ao identificarem elementos de seu cotidiano, como o terreiro no bairro do São Gonçalo (Pesquisadora A) ou a arte de rua no Cabula (Pesquisadora C), as estudantes partem do reconhecimento de fenômenos locais (espaço percebido) para a compreensão de suas raízes históricas e culturais. Não se trata de uma recepção passiva, mas de um primeiro nível de conhecimento científico sobre o lugar.
- **Aplicar e Analisar:** O fazer científico exige que as alunas apliquem métodos de coleta de dados, como entrevistas e registros fotográficos. Ao confrontarem o que observam com os referenciais teóricos discutidos no projeto, elas analisam as dinâmicas socioespaciais, deixando de apenas observar o cotidiano para decompor as camadas de poder e resistência que o constituem.
- **Avaliar e Criar:** O nível mais elevado da taxonomia é alcançado nas produções das jovens pesquisadoras: artigos, resumos, roteiros, documentários, etc. Neste estágio, as estudantes avaliam criticamente as informações coletadas e, através da síntese criativa, produzem novos saberes. A criação é a materialização do protagonismo emancipador, no qual o saber científico é

traduzido em linguagens midiáticas autorais que comunicam o território à sociedade.

Dessa forma, a Taxonomia de Bloom serve como um mapa que corrobora a complexidade do trabalho intelectual realizado no âmbito do Projeto da rádio, demonstrando que a educação científica, devidamente mediada pelas TIC, conduz o estudante à autonomia de pensamento e à produção criativa.

Cartografias do Vivido: O Ilê Axé Opô Afonjá e a Arte de Rua sob a Lente da Tríade Lefebvriana

A continuidade das ações de educação científica na Escola Municipal Governador Roberto Santos enfrentou desafios sem precedentes com o advento da pandemia da Covid-19. O distanciamento social e a suspensão das atividades presenciais impuseram uma interrupção temporária na dinâmica do projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio", cujas práticas de campo e produção coletiva foram severamente impactadas. Somente no ano de 2024, em um cenário de reconstrução dos vínculos escolares e comunitários, as atividades puderam ser plenamente retomadas. Esse hiato, entretanto, não esmaeceu o vigor das investigações; pelo contrário, a retomada sob a égide do Observatório de Educação Científica permitiu um olhar ainda mais apurado sobre o território, compreendendo-o como um espaço que, embora tenha sofrido as mazelas do isolamento, reafirmou-se como lugar de vida, resistência e produção de sentidos.

É nesse contexto de retorno e reafirmação que as trajetórias de pesquisa das Pesquisadoras (A e C) ganham relevo. Suas investigações transcendem a descrição geográfica, alcançando a dimensão política e social de produção do conhecimento em bairros periféricos de Salvador. Ao investigarem, respectivamente, o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, no São Gonçalo, e as manifestações artísticas de rua na região do Cabula, as jovens pesquisadoras operam sobre a "produção do espaço". Para Lefebvre (2000), o espaço social não é um receptáculo inerte, mas uma construção dialética manifestada em uma tríade: o espaço percebido (a prática espacial do cotidiano), o espaço concebido (as representações do espaço ligadas ao saber técnico, institucional e ao poder) e o espaço vivido (os espaços de representação imbuídos de simbolismo, arte e afetividade).

A investigação da Pesquisadora A, intitulada "Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá:

Símbolo da Resistência Cultural dos Descendentes dos Escravizados em Salvador", é um exemplo potente da busca pelo espaço vivido. A jovem pesquisadora identifica que o Terreiro, embora reconhecido institucionalmente pelo IPHAN como patrimônio cultural (o que remete ao "espaço concebido" pela técnica e pelo Estado), pulsa como um território de memória e educação antirracista no cotidiano do São Gonçalo. Ao utilizar as tecnologias do Projeto da rádio para sistematizar esse saber, a estudante subverte o silenciamento histórico, conforme discutem Hetkowski e Santos (2021, p. 5):

Neste sentido, criativo e transformativo, é que as tecnologias mobilizam e constituem a condição humana (pensar e agir), inclusive e sobretudo quando nos reportamos às questões do lugar, do pertencimento, da memória dos sujeitos que constroem e questionam a História e os processos coloniais.

A jovem pesquisadora demonstra que o Terreiro não é apenas um local geográfico que, segundo ela, apesar de morar no bairro desde a infância, era alheia a sua existência e importância, mas uma "fortificação da herança cultural africana", onde a prática decolonial se manifesta no ato de pesquisar e dar voz às tradições. O Observatório, ao registrar essa trajetória, permite que o saber ancestral ocupe o espaço da ciência escolar, transformando a percepção da estudante sobre sua própria identidade e território.

Sob a mesma perspectiva, o trabalho da Pesquisadora C, sobre a resiliência cultural nas artes de rua na região do Cabula, tensiona o espaço percebido e o espaço concebido. A arte urbana, muitas vezes marginalizada por visões tecnocráticas do espaço público, é revelada pela estudante como uma forma de "reestruturar e reelaborar práticas" (HETKOWSKI; SANTOS, 2021). A jovem pesquisadora observa como o grafite e as manifestações artísticas transformam o concreto da periferia em suportes de resistência e subjetividade. Essa ocupação do espaço pela arte é a materialização do "vivido" que resiste à rigidez do planejamento urbano.

A integração desses processos investigativos no Observatório confirma a ideia de que a ciência produzida na escola é uma forma de intervenção na cidade. Como destaca Nascimento (2018, p. 73):

[...] essas narrativas não cessam! [...] Por constituírem práticas na cidade, contemplando mazelas globais e locais, típicas de espaços urbanos. Por possibilitarem aos seus alunos participantes diretos ou indiretos, professores e comunidade, ressoar realidades, sentimentos e cotidianos aparentemente banais, mas muito importantes na construção de identidade, criticidade e outros olhares acerca das diversas dinâmicas que perpassam o ser cidadão, em um movimento manifestado pela e a partir da práxis humana no forjar direto de suas práticas fugazes, do dia-a-dia, da vida."

As práticas dessas jovens pesquisadoras, mediadas pelo uso intensificado das tecnologias, no Projeto da rádio, alinham-se ao que Hetkowski e Santos (2021, p. 6) descrevem como um movimento fecundo de renovação:

Desta forma, a intensificação do uso das tecnologias tem uma estrita ligação com os processos humanos e as práticas decoloniais, realçando a capacidade humana de reestruturar e reelaborar suas práticas, em um movimento fecundo de renovação e mudanças, contra a colonização e influenciando o desenvolvimento de tecnologias e sua implementação na sociedade."

Diante do exposto, torna-se evidente que as trajetórias de pesquisa dessas estudantes, ao serem sistematizadas pelo Observatório de Educação Científica, revelam o território onde elas vivem como espaços de produção de saber e não apenas como um palco de carência atravessado pela violência noticiada diariamente por uma mídia controlada pelos mesmos agentes que determinam o espaço concebido.

O projeto da rádio, retomado em 2024, reafirma-se como o dispositivo que permite aos sujeitos partícipes que, em sua maioria, são estudantes moradores de bairros periféricos, transformarem esse espaço, até então, apenas percebido, em um espaço vivido, consciente, crítico e profundamente decolonial.

Considerações Finais

As reflexões tecidas ao longo deste artigo permitem considerar que o fazer científico na escola pública, quando mediado por dispositivos tecnológicos e fundamentado em bases críticas, transcende a mera aquisição de conteúdos para se tornar uma potente estratégia de produção do espaço. A experiência desenvolvida na Escola Municipal Governador Roberto Santos, por meio do projeto "A Rádio da Escola na Escola da Rádio" e sob a sistematização do Observatório de Educação Científica, revela que a iniciação científica na Educação Básica é um caminho viável e necessário para a promoção da autonomia intelectual e da decolonialidade do saber.

Ao analisarmos as trajetórias de duas jovens pesquisadoras, percebemos que a investigação científica permitiu a elas uma ressignificação profunda de seus territórios. Sob a lente de Henri Lefebvre, o que era apenas "espaço percebido" — o cotidiano muitas vezes invisibilizado em bairros da região do Cabula — converteu-se em "espaço vivido", saturado de significados, ancestralidade e resistência. As

pesquisas sobre o Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá e sobre as manifestações artísticas de rua demonstraram que, ao darem visibilidade a esses objetos, através das “ondas” do rádio e das produções audiovisuais, as estudantes subverteram o “espaço concebido” pelas lógicas coloniais e tecnocráticas que tendem a estigmatizar as periferias de Salvador.

O Observatório de Educação Científica consolidou-se, neste estudo, como o eixo articulador dessa transformação. Ao operá-lo como dispositivo e diapositivo, conforme a teoria de Araújo (2019), compreendemos que ele não apenas organizou burocraticamente os saberes (dispositivo), mas funcionou como uma linha de fuga (diapositivo) que permitiu a emergência de vozes juvenis potentes. O Observatório capturou a transição da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, defendida por Paulo Freire, provando que a tecnologia, quando utilizada como prática decolonial, é capaz de romper silenciamentos históricos e mobilizar a condição humana para o pensar e o agir crítico.

É imperativo destacar que o hiato imposto pela pandemia da Covid-19, embora desafiador, não interrompeu a essência do projeto. A retomada das atividades em 2024 reafirmou a resiliência das práticas educativas e a importância de espaços institucionais que garantam o registro e a propagação da ciência feita por crianças e jovens. As narrativas produzidas pelas alunas, como bem sinalizado por Nascimento (2018), são manifestações da práxis humana que não cessam, pois estão ancoradas na vida e no desejo de transformar a realidade cidadina.

Em suma, reafirma-se o Observatório de Educação Científica como um dispositivo/diapositivo de produção do espaço, que qualifica a escola pública como um centro de excelência em pesquisa. A educação científica, portanto, não deve ser vista como um fim, mas como um meio para que os estudantes de Salvador se reconheçam como produtores de história, cultura e ciência, forjando, em cada roteiro de pesquisa e em cada caderno de campo, novas cartografias para um futuro mais justo, crítico e profundamente conectado com o território vivido.

Referências

ARAÚJO, Kátia Soane Santos. **A rádio da escola na escola da rádio: a educação científica no ensino fundamental**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

- ARAÚJO, Kátia Soane Santos. **Dispositivos e diapositivos da educação científica: o TPACK e a constituição de práticas inovadoras na educação básica**. 2019. 210 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019.
- BLOOM, Benjamin S. *et al.* **Taxonomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Porto Alegre: Globo, 1972.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HETKOWSKI, Tânia Maria; SANTOS, Tarsis de Carvalho. **A tecnologia e as práticas decoloniais na contemporaneidade**. Salvador: UNEB, 2021. Mimeografado.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Paris: Anthropos, 2000.
- NASCIMENTO, Fabiana Santos. **Práticas e trajetórias de pesquisa**: a cidade como práxis humana. 2018. 215 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.